

SIMPÓSIO AT062

LÉXICO E O CONTEXTO SOCIOCULTURAL: COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA

SILVA, Valnoisa Alves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Palmas
valnoisaalvessilva@gmail.com

SILVA, Jeane Alves
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Palmas
jeanny2312@gmail.com

Resumo: A proposta deste trabalho consiste em analisar os usos lexicais dos integrantes da comunidade quilombola Boa Esperança, situada na região do Jalapão. Com o objetivo de descrever e interpretar a significação das palavras, para isso delimitamos nosso estudo em um campo semântico-etimológico. A fundamentação teórica deste estudo se apoia nas postulações de Castilho (2006), Ferreira (2012) e Machado (2018). No tocante ao corpus, delimitamos a coletá-lo a partir dos falares dos idosos da comunidade. Tal escolha ocorreu a partir da observação de que os idosos são os habitantes mais antigos do quilombo. O método utilizado é a entrevista e a gravação que ocorreu na residência de cada idoso quilombola, percebemos que esta maneira foi fundamental para que eles se sentissem confortáveis com as entrevistas. Quanto à seleção dos dados utilizamos os itens lexicais de apenas quatro informantes. A análise mostrou que os significados desses itens lexicais que muitas palavras utilizadas pelos idosos da comunidade Boa Esperança apresentam resquícios de línguas africanas e indígenas, bem como traços de um estágio anterior da língua portuguesa.

Palavras-chave: Léxico; Semântica; Comunidade Boa Esperança.

Abstract: The purpose of this work is to analyze the lexical uses of members of the quilombola community Boa Esperança, located in the Jalapão region. In order to describe and interpret the meaning of words, we delimit our study in a semantic-etymological field. The theoretical basis of this study is based on the postulations of Castilho (2006), Ferreira (2012) and Machado (2018). With regard to the corpus, we delimit to collect it from the speeches of the elderly in the community. Such choice occurred from the observation that the elderly are the oldest inhabitants of the quilombo. The method used is the interview and the recording that occurred in the residence of each elderly quilombola, we realized that this way was fundamental so that they felt comfortable with the interviews. The selection of the data, we used the lexical items of only four informants. From this analysis, our corpus revealed through the meanings of these lexical items that many words used by the elderly in the Boa Esperança community show

remnants of African and indigenous languages, as well as traces of an earlier stage of the Portuguese language.

Keywords: Lexicon; Semantics; Good Hope Community.

Introdução

A língua está sempre em movimento, isto ocorre por causa da interação que os falantes fazem dela. Machado (2018) diz que estudar uma língua, investigar seu funcionamento possibilita ao pesquisador o encontro de vários encontros linguísticos.

Nesse sentido, este trabalho visa justamente essas possibilidades linguísticas recorrentes na fala de uma comunidade rural situada na região do Jalapão. O estudo é voltado a análise dos falares de pessoas idosas que ainda residem na comunidade, partimos da hipótese que estes sujeitos tenham uma maior variedade de palavras dispostas em seu léxico. Para tanto, buscaremos fazer uma descrição e interpretação das palavras mais utilizadas por eles.

Para coleta dos dados elegemos a abordagem de cunho qualitativo, usando o método da entrevista e a gravação, não utilizamos de um questionário elaborado. Quanto a metodologia estabelecemos os seguintes critérios de entrevistas, que tivessem grau de escolaridade: nenhum; naturalidade: que fossem nascidos na própria comunidade, sexo: ambos os sexos, faixa etária: que tivessem mais de 60 anos. O local escolhido foi a própria comunidade, percebemos que assim o entrevistado iria se sentir mais à vontade. Os pressupostos teóricos que se aplicam neste estudo são de artigos realizados em comunidades quilombolas feitos por duas pesquisadoras, Machado (2018) e Ferreira (2012). Castilho (2006) é utilizado porque explica a formação do português no Brasil.

1. Formação dos quilombos no Tocantins

Para compreendermos o funcionamento de uma língua e principalmente estudá-la é necessário revisitar a história, nesse sentido compreender como se deu o surgimento dos quilombos no estado do Tocantins.

De acordo com dados fornecidos por Castilho (2006), durante o período colonial foram trazidos cerca de dezoito milhões de africanos para o Brasil, e conseqüentemente uma diversidade de línguas e dialetos vieram com eles. Desde então se espalharam por todo o território com o intuito de que trabalhassem na mineração, na produção açucareira dentre outros. Segundo o autor, o português brasileiro estaria mais extensivamente influenciado por essas línguas, que ainda em sua fala afirma que duas culturas distintas se fundiram pelo país. A cultura banto e o sudanês que nelas traziam ainda mais dialetos em uma mesma língua.

O estado do Tocantins que antes pertencia a Goiás teve uma grande participação migratória neste período, o ciclo do ouro no norte de Goiás, e o intenso comércio agropecuário. O período de exploração do ouro foi intenso porém breve. De acordo com Machado (2018), com o declínio do minério no século XVIII, a fonte de atividade econômica de Goiás é afetada principalmente na importação do comércio interno. O que atrasou parcialmente o aumento natural da população negra na região, a partir daí começam a se formar os pequenos quilombos, e os arraiais. Sem o minério, a criação de gado se expande pelo estado tornando a fonte de renda. Assim,

A pecuária era o setor mais adequado as condições econômicas da região, pois era necessário pouco capital e a criação não exigia mais do que recursos naturais. Além desses, o mais era de fácil acesso, como as construções elementares nas fazendas, pouca técnica e relativa rentabilidade. (MACHADO, 2018, p. 207).

Nesse contexto, a agropecuária se tornaria a possível solução da crise, conseqüentemente mais tarde se tornaria um caminho para a ascensão da agricultura. Nessa perspectiva, podemos afirmar que as comunidades que se formaram anos depois prevalecem até hoje a agricultura e as coisas do campo como forma de sobrevivência.

1.1 Boa esperança

A comunidade Boa esperança está localizada no município Mateiros região do Jalapão, fica próximo de outras cidades como São Félix e uma comunidade próxima, Mumbuca. Entre a comunidade e a cidade possui um rio que dificulta o acesso, para se chegar até lá só por meio de uma balsa improvisada pelos próprios moradores, feita com galões e pedaços de madeira. Segundo uma reportagem publicada em fevereiro de 2015, a comunidade recebe o seu reconhecimento oficial como remanescente de quilombo em fevereiro deste mesmo ano.

O contexto sócio-político do lugar traz uma explicação do seu estilo vocabular, são famílias que vivem em uma zona rural de difícil acesso e por conta disso possuem nível escolar baixo. É o que acontece principalmente com os mais idosos que, em seus relatos contam que o acesso à escola em sua época era complicado e com isso só se preocupavam em trabalhar na lavoura para sustentar a família e sobreviver. Como mostra em um trecho em uma das entrevistas.

Enunciado 1- [...] As coisa era difícil era comprado fora comprava na finada Preta, **caneco de Sali** quilinho de café cru quando dava de comprar o quilo era o quilo, quando num dava era meio quilo. A vea Preta que tinha mais condição era que mandava vim da formosa pra vender ai o Sali, o café, a rapadura. A escola era pagada ela mesmo pago pra ensinar os filhos dela. [...]

Segundo ela dentre os moradores da época essa senhora por nome de dona Preta que tinha um pouquinho mais de condições financeiras do que os demais moradores e trazia esses mantimentos da cidade por nome de Formosa.

2. Análise dos itens lexicais

Após uma breve apresentação do histórico formativo da comunidade, abordaremos neste tópico algumas considerações a respeito da significação das

palavras. Para essa busca utilizamos o dicionário etimológico Houaiss da língua portuguesa (2001), novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (2004). As palavras estão em ordem alfabética e destacadas em negrito seguidas de seu uso contextualizado e dicionarizados, em seguida comentadas acerca do significado no contexto dito pelo falante. Segue-se assim a análise.

2.1 Berimbau

Sr: (...) era longe mais o povo ia, tinha uns toquinho, umas rebequinha **berimbau** e dançavam sempre...berimbau você. Era um pau envergado com uma tala de buriti e ai batia o talo tum tum. Era uma talinha de buriti marrada no pau.

No dicionário Houaiss, esse é instrumento de origem banta que consistia em um arco de madeira retesado por um fio de arame e com uma meia cabaça presa ao arco envergado. Nesse contexto, o falante diz que esse instrumento musical era muito utilizado nas festas feitas por eles logo após as rezas.

2.2 Carga de jegue

S.r.: Nascemu e criemu aqui, carreaganu **carga de jegue** panhando Sali e café e querosenu lá no santa Rita de cassi (...)

Encontramos a palavra carga como ação ou efeito de carregar, e etc. no contexto dito pelo informante em que foi associado a palavra jegue que é um animal. É uma expressão muito utilizada por eles no sentido de trazer mantimentos ou coisas em cima deste animal.

2.3 Caneco de sal ~ Caneca

M. Ele caso ai logo já foi tendo filho e o trem foi ficando pesado pra ele alcipalmente ele que num tinha condição ficava comprando **caneco de Sali**, por um dia de serviço.

Caneca, em sua forma dicionarizada, é um recipiente pequeno destinado à colocar líquidos, dotado de uma asa para segurar com a mão. De origem

controversa, deriva de *cano* mas alegam referir-se no início a vasos de forma cilíndrica. Que deriva de *cana+ eco*.

No contexto de uso do falante, ele se refere a caneco como se fosse uma quantidade de sal que era colocada em uma espécie de copo ou vasilha, e ele trabalhava o dia inteiro para conseguir.

2.4 Cumbuca

M: A história da viola do buriti é o seguinte ainda vi muito a pessoa tocar, o povo batia até numa **cumbuca** que seja, ou uma cadeira pra cumpanhar o toque da viola quem não tinha pandeiro.

O vocábulo cumbuca dicionarizada significa uma vasilha feita com a casca do fruto da cueira. Também pronunciada por índios e caboclos como cabaça, cuia, cuiambuca. O falante refere-se a cumbuca como suporte para quem não conseguia pandeiro para acompanhar os toques da viola de buriti.

2.5 Reque ~ reco-reco

M: Tinha um sinhô de **Reque**, esse **Reque** é um trem assim de pau ocado que eles fazia o oco nele, com um prego numa ponta e na outra desse oco assim colocava um aramo, tipo uma mola. Uma mola ai grosava um arame emriba, cumpanhando o toque.

É um Instrumento de percussão feito de um gomo de bambu seco com entalhas transversais sobre os quais se esfrega uma vareta, produzindo som rítmico para acompanhamento e música popular, de origem.

2.6 Rebequinha ~ rabeca

SR: Tinha uns toquinho uma **Rebequinha** uns berimbau e dançavam sempre.

Instrumento musical precursor do violino com três ou quatro cordas e o corpo em forma de pera, utilizado para acompanhar o canto e a dança.

Nessa significação da palavra rabeca, notamos que o falante pronuncia rebequinha, dicionarizada como Rabeca. Na fala do entrevistado, menciona que

ele servia para acompanhar os toques do berimbau, viola de buriti e a Rabeca ou rebequinha assim pronunciada por eles.

2.7 Viola de buriti

M: A história da viola do buriti é o seguinte ainda vi muito a pessoa tocar, o povo batia até numa cumbuca que seja o toque da viola quem não tinha pandeiro.

Também de acordo com Houaiss (2001) e Aurélio (2004) dizem o mesmo a respeito de buriti e viola. Viola é um instrumento de cordas semelhante ao violão em seu formato e som. Já o buriti é uma palmeira que produz um fruto amarelado. Em um contexto do falante essa junção do buriti com a viola, quer dizer que a viola era produzida a partir do caule da palmeira do buriti ou seja a madeira, sendo assim produzida a viola de buriti pelos moradores do lugar.

Considerações finais

A análise das escolhas lexicais nessa comunidade possibilitou um estudo histórico e semântico-etimológico com o intuito de interpretar as escolhas lexicais presentes na fala desses idosos. Observamos que algumas palavras ainda faladas por eles é comum apenas a esse público, tendo em vista que os mais jovens utilizam de um vocabulário um pouco mais escolarizado. Nota-se que algumas palavras não se encontram dicionarizadas, por serem de uso propriamente dos falantes, para isso foi necessário a pesquisa de cada palavra para interpretar o sentido que o falante quis dizer. A exemplo de “viola de buriti”. Através da análise, percebeu-se também que algumas palavras apresentam resquícios de um estágio anterior da língua portuguesa bem como “Berimbau” de origem Banta, sendo um dos primeiros grupos a chegarem no Brasil, vindos da África na época da escravidão.

As poucas palavras elencadas aqui é apenas uma parte do que foi selecionado, o que abre espaço para futuras discussões linguísticas, um pouco mais aprofundadas.

Referências

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2006. p. 238-269.

FERREIRA, Ester. O português falado por idosos de Jaraguá-Goiás: Cartografia, história e cultura. In: FREITAS, Lucia. (Org.). *Aspectos históricos-sociais sobre Jaraguá: língua portuguesa*. Anápolis: UEG, 2012. p. 57- 258.

MACHADO, Márcia Cristina. Variedade linguística Portoleocardense. In: Aguiar, Maria Suely de. *Um olhar linguístico e histórico-social sobre Goiás: Língua Portuguesa*. Curitiba: CRV, 2018. p. 201- 228.

SECON. *Comunidade quilombola boa esperança recebe certificação da fundação cultural palmares*. SECON. 2 de fev. de 2015. Disponível em: <<https://secom.to.gov.br/noticias/comunidade-quilombola-boa-esperanca-recebe-certificacao-da-fundacao-cultural-palmares-202968/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAÍSS, Antônio et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.